

Anistia aos militares cassados divide Assembléia

As declarações feitas nos últimos dias pelos ministros do Exército, Aeronáutica e Marinha criticando a ampliação da anistia aos militares cassados, que poderiam ser reintegrados aos quadros das Forças Armadas, dividiu ontem a opinião das lideranças na Constituinte. A esquerda acha que é "interferência indevida" nos assuntos da Assembléia e a direita considera absolutamente normal os pronunciamentos dos ministros, alegando que o assunto diz respeito às suas pastas e portanto eles têm o direito de opinar.

O deputado José Genoíno (PT-SP) acha absurda a declaração do ministro Leônidas Pires Gonçalves, do Exército, de que os cassados não têm mais direito algum. Genoíno vê nas declarações um indício de "tutela militar, que a Constituinte não pode acertar. Para o parlamentar petista, a "Carta ficará maculada se não for



aprovada anistia para os militares que foram cassados".

Amaury Müller, vice-líder do PDT na Câmara, afirmou que as declarações dos ministros "são uma interferência indevida nos trabalhos da Constituinte". Segundo o deputado, ninguém na Assembléia tem pretensão de ensinar aos ministros militares como comandar suas tropas, "portanto a recíproca tem que ser verdadeira", afirma. O deputado Farabule Júnior (PTB-SP) acha que a Constituinte só terá validade se aprovar a anistia aos militares. Na sua opinião "é uma questão moral e não de revanchismo, pois os cassados foram punidos por questões políticas e não administrativas.

Normal

O senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, acha que a opinião de um ministro não deixa de ser um tema de natureza política, porém afirma que nesse, como em outros assuntos, "a Constituinte é soberana". Covas não quis declinar qual será sua posição a respeito da anistia, se vai apoiar

ou não a reintegração dos punidos. Alegou que antes precisa conversar com seus companheiros de partido.

"E um direito deles", reage o senador Jarbas Passarinho (PDS-PA), acrescentando que muitos segmentos da sociedade opinam sobre matérias de seu interesse, porque os militares também não deveriam fazê-lo? A mesma opinião tem o deputado José Lins (PFL-CE), um dos coordenadores do Centrão. Para ele não há nenhuma interferência ou pressão. Os dois descartam qualquer possibilidade de acordo com em torno da questão.

Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB no Senado, é cauteloso, mas acha que o seu partido terá uma posição de independência na questão. O senador não se furtou, no entanto, de comentar conversas que teve com dois brasileiros americanos, Alfred Stepan e Tomas Skidmore, a respeito da participação militar na política brasileira. Os dois, de acordo com o senador, acham que ainda há interferência.

Falta de quorum irrita Mário Covas

O líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas, demonstrou ontem uma profunda irritação pela falta de quorum na sessão plenária, por duas vezes usou os microfones do plenário, para protestar pela ausência de constituintes para a votação, chegando a pedir ao senador Mauro Benevides, presidente em exercício, que a partir de hoje fizesse a verificação de quorum, às 15h30, para que não havendo, os constituintes não tivessem que permanecer em plenário.

Ao terminar a sessão, Covas desabafou: "A Constituinte voltará a trabalhar a partir do momento em que os constituintes que estiveram aqui para votar o mandato voltem ao plenário, para dar prosseguimento às votações, já que são necessários no mínimo 280 presentes".

O líder peemedebista afirmou que teve esperança que a Constituinte iria acabar logo, depois de ver um plenário cheio na semana passada, onde, segundo ele, não se podia nem levantar uma questão de ordem que falavam que era obstrução.

O senador paulista mandou até um recado aos demais constituintes afirmando que "a responsabilidade nossa não se esgota com a votação do mandato. Fomos eleitos para elaborar uma Constituição". Covas disse que não podia nem



Socos e palavrões em plenário

Uma briga entre os deputados Israel Pinheiro Filho (PMDB-MG) e Chico Humberto (PDT-MG) acabou quebrando a monotonia no final da sessão de ontem da Constituinte. Os dois chegaram a se agredir por causa da divisão do Estado de Minas Gerais e criação do Estado do Triângulo — um dos autores é o parlamentar pedetista. O senador Mário Covas e outros parlamentares evitaram que a troca de socos fosse mais violenta.

Os dois deputados se "estranharam" no final da sessão, quando Israel Pinheiro chegou ao

plenário para votar na verificação de quorum e passou por Chico Humberto no momento que ele dava entrevista a uma repórter e disse: "Não acredita não que ele só está acostumado a latir". Chico Humberto esperou que Israel voltasse e completou: "Quem late aqui é você, seu suplente. Cachorro é a sua mãe, a sua vó" e saindo do plenário deu-lhe um tapa. Os dois começaram então a trocar socos, palavrões, e ponta-pés e só não continuaram por interferência de Mário Covas. Foi a única sensação da Constituinte, sem quorum para qualquer votação — apenas 150 parlamentares presentes.